



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS**

DANIELLE DO NASCIMENTO CAMPELO

**A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS CICLOS: DESAFIOS À
TRANSIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS**

Brasília/DF
2025

DANIELLE DO NASCIMENTO CAMPELO

**A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS CICLOS: DESAFIOS À
TRANSIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fabiano
Rodrigues Pereira.

Brasília/DF
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Na Nascimento Campelo, Danielle.
A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS CICLOS: DESAFIOS À
TRANSIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS
FINAIS / Danielle Nascimento Campelo;
Orientador: Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira. --
Brasília, 2025.
32 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) --
aqui Universidade de Brasília, 2025.
1. Avaliação Escolar. 2. Ciclos de Aprendizagem. 3.
Transição Escolar. I. Fabiano Rodrigues Pereira, Marcelo,
orient. II. Título.

DANIELLE DO NASCIMENTO CAMPELO

**A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS CICLOS: DESAFIOS À
TRANSIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia

Defendido e aprovado em: 18 de Fevereiro de 2025.

Banca examinadora formada pelos professores:

Professor Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira (Orientador)
Faculdade de Educação – FE - Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Maria Emilia Gonzaga de Souza (examinadora titular)
Faculdade de Educação – FE - Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Leyvijane Albuquerque Araújo – (examinadora titular)
Faculdade de Educação – FE - Universidade de Brasília

Professora Dr^a. Renata Silva Almendra (examinadora suplente)
Faculdade de Educação – FE - Universidade de Brasília

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

OTP	Organização do Trabalho Pedagógico
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
DF	Distrito Federal

MEMORIAL

Durante minha vida tive experiências que me marcaram, nasci em São Paulo capital e morei lá até os meus seis anos de idade. Não tenho muita lembrança dessa época, mas a primeira lembrança que me vem em mente quando se fala de escola é de quando eu tinha 5 anos, em 2006 e estava na minha primeira escola de educação infantil, que se chamava Caminho Certo. De como eu achava divertido a forma que se deu início o meu processo de alfabetização já naquela época, onde as aulas eram realizadas de maneira lúdica e divertida e a professora era muito atenciosa comigo e com os colegas e nos auxiliava nas realizações das atividades de uma maneira mais próxima, um fato que hoje percebo que fez diferença na continuidade do meu processo de alfabetização nos anos seguintes. E um episódio que mais me marcou foi a realização da minha primeira formatura na vida acadêmica, não entendia o que aquilo significa mas sentia que era o encerramento de um ciclo mas não sabia o que vinha a seguir, pois naquele momento acreditava que tudo continuaria igual e a única coisa que mudaria seria a escola, a professora e os colegas.

A primeira grande mudança que senti na minha vida acadêmica foi quando me mudei para Brasília, DF. Comecei em uma nova escola, em uma cidade totalmente diferente, cercada por pessoas que eu não conhecia. Lembro de ter percebido rapidamente uma grande diferença no modo como a professora tratava os alunos. Já não havia mais aquela relação próxima e afetuosa que eu estava acostumada a ter na educação infantil. Além disso, estranhei como os conteúdos mudaram drasticamente. Não era mais o aprendizado através de brincadeiras e atividades lúdicas, mas uma enxurrada de letras e números, cada vez mais complexos. No entanto, eu não tive muita dificuldade para acompanhar essa mudança; embora desafiadora, eu estava indo bem no meu próprio ritmo.

Contudo, não tenho muitas lembranças claras do quinto ano (o que antes era a quarta série). Me recordo de perceber um tratamento diferente por parte dos professores e da equipe pedagógica. Os alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem eram frequentemente culpados por isso e raramente havia iniciativas para ajudá-los a superar esses desafios. Entretanto uma lembrança marcante dessa época foi quando fui convidada para participar da feira de ciências da escola, o que significava passar muito tempo fora da sala de aula, explorando a biblioteca e trabalhando em atividades que seriam apresentadas na feira. Junto com outros colegas, foi construída uma casa de cerca de 1,5 metro de altura usando materiais recicláveis, como caixas de leite e papel de atividades impressas e também houve uma apresentação de dança inspirada em algum país asiático. Na época, eu não compreendia bem o

propósito dessas atividades fora da sala de aula, e a ideia de uma feira de ciências era um tanto abstrata para mim. Hoje, percebo como essa experiência foi importante para o meu desenvolvimento acadêmico. Ela trouxe um pouco da familiaridade com as atividades lúdicas que eu tive na escola antes da mudança para Brasília e também contribuiu para o meu aprendizado, pois, além de apresentarmos o projeto na nossa escola, também houve apresentações dos materiais confeccionados para a feira de ciências em mais dois locais diferentes. Isso me deu a chance de adquirir conhecimentos variados sobre novos conteúdos de maneiras inovadoras. Outro aspecto marcante para mim foi a separação dos conteúdos por disciplinas, como português, matemática, história, artes, etc. Antes, os temas eram abordados de forma mais integrada e lúdica, porém agora cada matéria era tratada separadamente, com avaliações que apesar de não serem chamadas de provas, passaram a valer nota. Apesar dessas diferenças, concluí o ensino fundamental 1 com uma sensação positiva em relação aos estudos.

Entretanto com a chegada do ensino fundamental 2 veio outro choque de mudança assustadora, agora além de mais matérias e algumas que eu nunca tinha ouvido falar como por exemplo educação física e informática agora também tinha um professor para cada uma das disciplinas. Era estranho sempre ter horário específico de duração para cada matéria, só tínhamos 50 minutos ou quase uma hora e 40 minutos do dia para ver o conteúdo sobre a disciplina específica e tirar dúvidas que surgiam ao decorrer das aulas e muitas vezes o assunto não era retomado nas aulas seguintes fazendo com que ficássemos com mais dúvidas e sem aprender efetivamente o conteúdo que era passado e com a mudanças de mais professores também vinha o acréscimo de mais provas e outros tipos de avaliações, como por exemplo, trabalhos em grupos, questionários, pesquisas entre outros, e também havia o “Provão” uma avaliação que agrupava e avaliava o seu desempenho durante todo o semestre em todas as matérias o que não fazia sentido para mim já que se as disciplinas eram ensinadas separadamente. Agora a ideia de provas, com muitas questões e a expectativa de acertos, acabou tornando o erro algo mais significativo, diferente dos anos anteriores, onde errar era parte do aprendizado.

Contudo, durante o ensino fundamental 2, assim como nos anos iniciais, também participei de atividades diversificadas, como algumas feiras culturais na escola, com temas sobre as regiões do Brasil e suas diferentes culturas, festas típicas, apresentações de sonetos, músicas e que abordavam a literatura brasileira. Outro aspecto marcante dessa época foi a intensificação de atividades voltadas para a preparação dos alunos para a realização das avaliações em larga escala, como a Prova Brasil.

Com a chegada do ensino médio veio mais um choque de mudança, pois agora o número de matérias aumentou e o que era cobrado e ensinado estava voltado para a realização de vestibulares. Além dos professores voltarem seus conteúdos de sala de aula para a preparação para vestibulares, também havia o incentivo para a participação dos estudantes nessas provas. Havia projetos no contraturno para focar nos conteúdos para os vestibulares e muitas atividades voltadas para o ingresso no mundo acadêmico. E assim como nos ciclos anteriores lembro de participar de uma feira literária e feiras de ciências promovidas pela escola com o objetivo de nos apresentar várias áreas diferentes para que pudéssemos pensar em que futuro seguir. Entretanto foi nessa época que comecei a sentir mais o peso das mudanças bruscas que tinham de um ciclo para outro, muitas coisas novas e feitas de forma acelerada e diferentes do que estava começando a se acostumar, trazendo uma sensação de frustração e insegurança com o que estava por vir.

Então ao entrar para a faculdade de Pedagogia e para a UnB houve um processo de transição de ciclos na vida acadêmica, pois logo no primeiro semestre foi solicitado um trabalho que deveria ser entregue em formato de artigo científico e que precisava seguir as normas ABNT. Termos que nunca havia ouvido falar antes, pois apesar de durante o ensino médio haver muito incentivo para a prestação de vestibulares e ingresso a universidades, não houve uma preparação do que seria cobrado, como por exemplo, a realização de trabalhos acadêmicos, normas de formatação dos trabalhos ou sobre bancos de pesquisas.

Entretanto não foi só aí que esse sentimento se fez presente, pois com a chegada da pandemia de covid 19 e a migração das aulas presenciais para aulas online, veio essa sensação novamente, ter que lidar com plataformas que nunca tive contato antes e formatos de avaliações diferentes e novamente quando as aulas voltaram a ser presenciais. E infelizmente com a pandemia e com as aulas online me vi impossibilitada de aproveitar efetivamente tudo o que a UnB tem a oferecer. Porém ao olhar a minha formação o que mais me marcou foi as aulas que eu tive com a professora Rosana Fernandes, com o retorno ao ensino presencial, sobre Avaliação Escolar, onde foram apresentadas várias perspectivas sobre avaliação, que me fez refletir sobre como cada tipo de avaliação pode ser usada a fim de trazer uma aprendizagem efetiva para os estudantes.

Em concomitância com essa disciplina de avaliação que tive com a professora Rosana também realizei um estágio em uma escola pública, nos anos iniciais, também após a retomada das atividades presenciais após a pandemia de covid 19, onde pude observar e refletir as consequências das aulas online teve sobre aqueles estudantes e no decorrer do estágio pude observar como eram realizadas as avaliações com eles e como a preocupação dos

professores era com que eles desenvolvessem as habilidades e competências previstas para essa etapa da educação, o que me voltou à memória todas as vezes que o sentimento de choque com as mudanças de um ciclo para outro se fez presente durante toda minha vida acadêmica.

Ao associar com o que eu estava vendo na disciplina com a professora Rosana, começou a surgir o questionamento que deu origem ao tema deste trabalho. Me fazendo refletir como nossas atitudes podem influenciar a aprendizagem das crianças e de que maneira os profissionais de educação podem fazer com que a transição entre ciclos seja feita de uma maneira fluida e que promova uma verdadeira aprendizagem para os estudantes.

DANIELLE DO NASCIMENTO CAMPELO

**A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS CICLOS: DESAFIOS À
TRANSIÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS**

RESUMO

O presente estudo investiga a utilização dos resultados da avaliação na organização do trabalho pedagógico com vistas à preparação dos estudantes na transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, com foco no 5º ano. A pesquisa parte da premissa de que a organização escolar em ciclos e a avaliação formativa podem contribuir para uma transição entre etapas que seja comprometida com as aprendizagens, evitando a reprovação e a evasão escolar. O objetivo principal é analisar como os professores utilizam os resultados das avaliações para orientar suas práticas pedagógicas, de modo a facilitar a adaptação dos estudantes à nova etapa de escolarização. A pesquisa é qualitativa e foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal, envolvendo professores do 5º ano do Ensino Fundamental. Foram analisados documentos normativos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e entrevistas semiestruturadas com os professores, orientadora educacional e coordenadora pedagógica. A revisão da literatura revela uma lacuna de estudos focados na transição do 5º para o 6º ano, especialmente no que diz respeito ao uso da avaliação como ferramenta preventiva para problemas de aprendizagem. Os resultados apresentados neste estudo demonstram que a avaliação pode ser aliada, tanto no processo de transição dos alunos para os anos finais do Ensino Fundamental quanto na organização do trabalho pedagógico tornando-o mais inclusivo.

Palavras-chave: Avaliação Escolar; Ciclos de Aprendizagem; Transição Escolar.

ABSTRACT

This study investigates the use of assessment results in organizing pedagogical work aimed at preparing students for the transition from the early years to the later years of elementary school, focusing on the 5th grade. The research is based on the premise that the school organization in cycles and formative assessment can contribute to a transition between stages that is committed to learning, preventing failure and school dropout. The main objective is to analyze how teachers use assessment results to guide their pedagogical practices in order to facilitate students' adaptation to the new stage of schooling. The research is qualitative and was conducted in a public school in the Federal District, involving teachers from the 5th grade

of elementary school. Normative documents from the Department of Education of the Federal District and semi-structured interviews with teachers, an educational counselor, and a pedagogical coordinator were analyzed. The literature review reveals a gap in studies focused on the transition from the 5th to the 6th grade, particularly regarding the use of assessment as a preventive tool for learning problems. The results presented in this study demonstrate that assessment can be an ally, both in the process of transitioning students to the later years of elementary school and in organizing pedagogical work to make it more inclusive..

Keywords: School Assessment; Learning Cycles; School Transition.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se concentra no estudo da avaliação escolar à luz dos ciclos educacionais. No âmbito deste debate, busca-se analisar os desafios e oportunidades que surgem durante o processo de transição dos alunos dos primeiros para os últimos anos do ensino fundamental.

No cerne deste debate está em pauta uma discussão acerca dos ciclos de aprendizagem. Define-se “ciclo” como “1 Intervalo de tempo durante o qual se completa uma sequência ou uma sucessão regularmente recorrente de eventos ou fenômenos. 2 Sequência de ações, fatos ou fenômenos constituintes de um processo periódico.”(Michaelis, 2024, n.p); “Transição” significa “1 Ação ou efeito de transitar. 2 Estágio intermediário entre uma situação e outra. 3 Mudança de uma condição a outra.” (Michaelis, 2024, n.p) e “avaliação” significa “1 Ato ou efeito de avaliar(-se). 2 Apreciação, cômputo ou estimativa da qualidade de algo ou da competência de alguém.” (Michaelis, 2024, n.p). Entretanto, ao pensar estes termos da perspectiva educacional, se percebe como os 3 termos se integram ao pensar na organização escolar em ciclos já que

[...] a organização escolar em ciclos apresenta-se como alternativa favorável à democratização da escola e da educação, permitindo ao estudante o livre trânsito entre os anos escolares sem a interrupção abrupta da reprovação ano a ano. Essa sistemática de organização garante o respeito à heterogeneidade dos tempos e modos de aprender que caracterizam os sujeitos e amplia suas chances de sucesso (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.18).

Dessa forma, ao pensar em transição no âmbito escolar, deve-se pensar em todos os movimentos que o estudante faz dentro deste ambiente (Distrito Federal, 2023) e como esses movimentos influenciam toda sua trajetória escolar. Como um dos elementos constitutivos para que se efetive a organização escolar em ciclos se tem a avaliação formativa (Distrito Federal, 2014), deste modo se faz necessário refletir como as avaliações influenciam e vêm sendo utilizadas na Organização do Trabalho Pedagógico, em meio às transições que acontecem durante a educação básica.

Assim, propõe-se abordar a preparação dos estudantes na transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental. O principal enfoque do presente estudo é analisar como os resultados da avaliação escolar influenciam a Organização do Trabalho Pedagógico dos professores do 5º ano do ensino fundamental. Dessa forma, a questão central a ser abordada é: De que maneira os docentes utilizam os resultados da avaliação para orientar o trabalho pedagógico na preparação dos estudantes em transição dos anos iniciais para o início dos anos finais do Ensino Fundamental?

A questão norteadora apresentada parte da premissa de que o sucesso no processo de aprendizagem durante a transição escolar se dá pelo comprometimento, pela dedicação e pelo conjunto de ferramentas que devem ser refletidas e elaboradas pelos responsáveis por essa etapa (Angelo, 2021). Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é: Analisar a maneira como os professores utilizam os resultados da avaliação para a organização do trabalho pedagógico na preparação dos estudantes em transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. E a fim de conduzir a pesquisa de forma coesa com o objetivo geral, foram sistematizados os seguintes objetivos específicos: mapear e discutir as diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre avaliação e transição anos Iniciais - anos Finais; investigar os instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes na avaliação dos estudantes a fim de identificar a finalidade para uso dos mesmos; compreender a forma como os resultados das avaliações direcionam a OTP para subsidiar os estudantes na transição dos anos Iniciais para os anos finais.

Para que os objetivos traçados fossem alcançados este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola de anos iniciais pertencente a Regional do Plano Piloto. As interlocutoras da pesquisa foram duas professoras que atuam no 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, a orientadora educacional e a coordenadora pedagógica. Os dados foram gerados por meio da análise de documentos prescritivos da SEEDF e entrevistas realizadas com estes profissionais.

Diante disso, a justificativa para a realização desta pesquisa, do ponto de vista do conhecimento científico e pessoal, surge da intenção de enriquecer um debate que não foi suficientemente abordado durante a minha graduação. Percebe-se uma escassez de estudos focados na avaliação e suas implicações na transição escolar. Esse fator é crucial para a formação de profissionais capazes de lidar com os desafios dessa transição. Esta lacuna foi notada durante o processo de elaboração desta pesquisa.

Do ponto de vista social, um estudo dessa natureza, na perspectiva de ampliação do debate no meio escolar pode contribuir para o apoio das redes de ensino, professores e gestores no debate e nas reflexões acerca da transição escolar e o que pode ser realizado para a prevenção da reprovação e evasão escolar presente nesta etapa.

Para contextualização da temática dentro do âmbito acadêmico foi realizado o levantamento das contribuições existentes utilizando os sites de busca científica Scielo, Google Acadêmico, Plataforma Capes e Portal de Teses e Dissertações Eletrônicas da PUCRS. A princípio foi traçado um recorte local, com o objetivo de realizar um levantamento sobre contribuições sobre o tema no Distrito Federal. No entanto, ao longo do processo se

constatou uma escassez de estudos relacionados ao assunto no DF, levando assim ao descarte do recorte local e a ampliação para pesquisas de amplitude nacional. Dessa forma foram utilizados os seguintes termos indutores: “transição escolar”, “educação em ciclos” e “transição ensino fundamental”, com um recorte temporal de 2008 a 2023 (16 anos). Os termos indutores foram buscados tanto nos títulos dos estudos quanto nas palavras-chave. A seleção dos estudos ocorreu pela proximidade com o tema desta pesquisa e pela abordagem dos anos iniciais - anos finais do Ensino Fundamental. O quadro a seguir apresenta o resultado do levantamento.

Quadro 1 - Estado do conhecimento

Título	Autores	Objetivo	Ano	Fonte
Transição no ensino fundamental: revisão da literatura acadêmica produzida nos últimos dez anos (2009 a 2019).	Reis, Ludimila Maria da Silva	Investigar a transição de alunos dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental em escolas públicas brasileiras.	2020 Monografia	Google Acadêmico
O papel do gestor escolar na transição dos alunos do ensino fundamental – anos iniciais para o ensino fundamental – anos finais.	Edson Pattera Francisco Júnior	Analisar os comportamentos e as dificuldades dos alunos concluintes do Ensino Fundamental – anos iniciais e identificar o papel do gestor escolar e as estratégias desenvolvidas, a fim de favorecer a adaptação do aluno na escola.	2014 Monografia	Repositório UNB
A relação afetiva entre professores e alunos na transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental.	Márcia Martins Villas Bôas	Compreender como se dá a passagem do 5º ano dos anos iniciais para o 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental no que se refere às relações afetivas entre professores e alunos e a motivação para a aprendizagem.	2014	TEDE PUCRS

Percurso de implantação do terceiro ciclo para aprendizagem na rede pública de ensino do Distrito Federal.	Ferreira,Valdivina Alves; Chagas, Alisson Moura; Souza, Thamara Maria de	Refletir acerca dos Ciclos para as Aprendizagens implementados na rede pública de ensino do Distrito Federal,	2021	SciELO
O processo de transição dos anos iniciais para os anos finais no ensino fundamental.	Jamisson da Silva Angelo	Analisar quais os fatores que influenciam e impedem a transição saudável entre os anos iniciais e anos finais.	2021	CAPES

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora.

A partir de uma revisão da literatura acadêmica produzida entre os anos de 2009 a 2019, Reis (2020) categoriza alguns fatores que impactam a adaptação de alunos ao 6º ano, destacando o conjunto de mudanças presentes na passagem entre os ciclos o que segundo a autora causa um distanciamento pedagógico entre estes, tornando assim, a transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental um processo complexo que pode afetar o percurso educacional dos estudantes.

Ferreira, Chagas e Souza (2021) enfatizam, em sua pesquisa, que o sucesso das aprendizagens não depende apenas da forma de organização escolar, mas sim de uma proposta pedagógica que promova qualidade de aprendizagem para os alunos por ações contínuas durante a implementação de políticas públicas dos ciclos de aprendizagem no DF.

Angelo (2021) e Francisco Júnior (2014) destacam que vários fatores influenciam direta e indiretamente a transição dos estudantes dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, como por exemplo, a mudanças bruscas de organização escolar, mudança na forma de avaliação e no tempo definido para as aulas, chegada da adolescência, pouca participação da família no processo educacional, entre outros. E ressaltam que para o oferecimento de uma aprendizagem de qualidade deve ser feito um trabalho em conjunto de todos os sujeitos responsáveis pelas duas etapas, professores, gestores e familiares, a fim de minimizar as rupturas durante a transição.

Bôas (2014) além de fazer uma reflexão sobre os fatores que interferem no processo de aprendizagem na visão tanto dos professores quanto dos alunos, destaca a afetividade como alternativa no processo de motivação da aprendizagem e do ensino durante a transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental.

Adicionalmente, a bibliografia apresentada refere-se ao tema de transição entre ciclos com foco principal nos efeitos da transição nos anos finais, de modo específico no 6º ano e sugestões do que poderia ser feito a partir da chegada dos estudantes ao 3º ciclo. Não se nota, porém, um enfoque maior no que poderia ser feito nos anos iniciais, principalmente no 5º ano, de forma preventiva à reprovação e evasão que se evidencia a partir do 6º ano nos anos finais, nem ao menos situam a avaliação como um dos instrumentos fundamentais para a OTP a fim de contribuir a essa prevenção.

2. METODOLOGIA

Este trabalho tem como finalidade analisar a maneira como os professores utilizam os resultados da avaliação para a organização do trabalho pedagógico na preparação dos estudantes em transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. Dessa forma foram estruturados os seguintes objetivos específicos: mapear e discutir as diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre avaliação e transição anos iniciais - anos finais; investigar os instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes na avaliação dos estudantes a fim de identificar a finalidade para uso dos mesmos; compreender a forma como os resultados das avaliações direcionam a OTP para subsidiar os estudantes na transição dos anos iniciais para os anos finais.

A fim de que os objetivos traçados sejam alcançados, este trabalho segundo a natureza dos dados trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois busca analisar e refletir como os professores enxergam o papel da avaliação e sua contribuição na OTP para o auxílio dos estudantes durante transição dos anos iniciais - anos finais, baseando-se na ideia de que uma pesquisa qualitativa se preocupa “com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (Gonsalves, 2001, p. 68).

Desta forma, segundo os objetivos, a pesquisa é de caráter explicativo já que “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2002 p. 42). Identificando assim a finalidade dos instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes na avaliação dos estudantes durante a transição.

Nesse sentido, o procedimento metodológico adotado para a coleta de dados, consiste na pesquisa de campo, já que se pretende buscar a informação diretamente com os sujeitos interlocutores da pesquisa. Fazendo-se necessário o deslocamento do responsável pela pesquisa ao espaço onde o fenômeno ocorre, a fim de reunir um conjunto de informações a

serem documentadas (Gonsalves, 2001). Além disso, uma análise dos documentos prescritos pela SEEDF também será integrante da metodologia buscando enriquecimento do estudo.

Dessa maneira os sujeitos interlocutores da pesquisa foram duas professoras que atuam no 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais em uma escola pública pertencente à regional do plano piloto do Distrito Federal, assim como a coordenadora pedagógica e orientadora educacional da instituição. A escolha desses sujeitos interlocutores se dá devido ao papel direto que se tem destes profissionais no último ano dos anos iniciais (Francisco Junior, 2014) visando o maior detalhamento da maneira em que esses sujeitos veem a avaliação como forma integrante na preparação dos estudantes durante a transição desta etapa.

Para garantir a privacidade e a confidencialidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios durante a pesquisa, protegendo assim a identidade dos entrevistados e permitindo que o foco permaneça nas ideias e informações compartilhadas, sem expor indivíduos. O quadro a seguir apresenta informações detalhadas sobre os sujeitos participantes da pesquisa, incluindo características relevantes dos interlocutores envolvidos, como suas formações acadêmicas e outros dados pertinentes que contribuem para o contexto da análise realizada.

Quadro 2 - Informações dos Entrevistados

Nome	Cargo	Formação Acadêmica	Vínculo e tempo de atuação na SEEDF
Maria	Professora	-Bacharel em Direito; -Licenciatura em Pedagogia; -Licenciatura em Letras(dupla habilitação: Português e Inglês).	Contrato temporário; 3 anos de atuação.
Paula	Professora	-Licenciatura em Filosofia; -Licenciatura em Pedagogia.	Contrato temporário: 6 anos de atuação. Contrato Efetivo: 3 meses.
Raissa	Coordenador a Pedagógica	-Graduação em Administração de empresas; -Pós-graduação em Marketing; -Licenciatura em	Contrato Efetivo; 11 anos de atuação.

		Pedagogia; -Pós-graduação na área de educação.	
Gabriela	Orientadora educacional	-Licenciatura em Pedagogia; -Especialização em Gestão de pessoas e orientação educacional.	Dado não Informado

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora.

Segundo os procedimentos de coleta foi realizado estudo de caso. Este tipo de estudo privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno. É Importante destacar que, no geral, o estudo de caso “ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação”(Gonsalves, 2001, p. 67). Desta forma os dados foram gerados por meio da análise de documentos prescritivos da SEEDF e entrevistas realizadas com professoras do 5º ano dos anos iniciais com a coordenadora pedagógica e a orientadora educacional, a fim de identificar os objetivos e fatores que orientam as ações tomadas por esses profissionais durante a transição dos estudantes (Marconi, Lakatos, 2017). E para finalizar foi realizada a análise dos dados coletados a fim do cumprimento dos objetivos traçados inicialmente por este trabalho.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Educação em Ciclos

A educação em ciclos surge como alternativa promissora para a efetivação da democratização escolar, respeitando as diversidades e ritmos de aprendizagem dos estudantes. Assim possibilitando a ampliação do sucesso escolar destes estudantes, através da promoção de um ambiente educacional mais inclusivo.

A ideia central, portanto, para a adoção dos ciclos de aprendizagem seria o combate político à exclusão, mas cujo verdadeiro alcance se manifesta na inclusão dos alunos no universo do conhecimento, rompido o esquema seriado que faz o processo pedagógico orbitar sobre o binômio aprovação-reprovação ao final do ano letivo” (Alavarse, 2009, p.43).

A educação básica no Brasil é composta por três ciclos principais (Distrito Federal, 2023): Educação Infantil, Ensino Fundamental dividido em dois segmentos: os anos iniciais, que compreendem do 1º ao 5º ano e os anos finais, do 6º ao 9º ano (11 a 14 anos) e o Ensino Médio.

De acordo com Perrenoud (1999, p.165, apud Alavarse, 2009, p.37) “o importante, na democratização do ensino, não é “fazer como se” cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender”. Dessa forma a educação em ciclos precisa ser pensada de maneira que permita a adaptação do ensino às necessidades individuais dos alunos, pensando em propostas educacionais mais progressistas e práticas pedagógicas que assegurem que todos os estudantes possam alcançar seu máximo potencial.

A avaliação formativa surge então como um instrumento essencial para a construção de situações que possibilitem que isso aconteça, como destaca Fernandes (2008, p. 358) “a avaliação formativa tem como finalidade principal melhorar as aprendizagens dos alunos através de uma criteriosa utilização da informação recolhida para que se possam perspectivar e planejar os passos seguintes”. Assim, a avaliação formativa constitui um processo contínuo que acompanha o desenvolvimento da aprendizagem, proporcionando maneiras de identificar as dificuldades e sucessos dos alunos em tempo real, e ajustar o ensino conforme necessário.

Dessa forma a organização escolar em ciclos apresenta desafios e obstáculos para a efetivação dos objetivos traçados em sua implementação, pois esta implementação pode ser feita com a real intenção de melhoria na qualidade da educação ou só como forma de adiamento da reprovação sem que haja reais mudanças na organização educacional. De acordo com Mainardes (2015, p.71) “Isso ocorre muitas vezes em consequência da descontinuidade de políticas educacionais diante das mudanças do governo”.

Mainardes (2006, p. 15) comenta que “essa política desafia as crenças dos professores, bem como sua prática docente, principalmente no que se refere à visão deles sobre a promoção de todos os alunos dentro do ciclo.” Devido ao fato de alguns desses profissionais terem sido formados em um sistema escolar seriado e terem vivido a mesma estrutura ao longo de sua carreira, os professores frequentemente se mostraram resistentes a pensar em uma nova forma de se avaliar os estudantes nessa nova organização educacional. Dessa forma “A prática pode reforçar velhas concepções, mas pode também questioná-las e, dependendo da natureza das práticas, pode formar novos sujeitos, novos profissionais.” (Arroyo, 1999, p.145).

Então, faz-se essencial criar situações que permitam explicitar e cultivar os valores e conhecimentos que cada educador já incorpora em sua prática, alinhando-se às mudanças que surgem durante a implementação de políticas públicas dos ciclos.

3.2 Transição Escolar

As transições se fazem presentes a partir do momento em que se pensa na educação em ciclos, já que ao pensar em transição no âmbito escolar, deve-se pensar em todos os movimentos que o estudante faz dentro deste ambiente (por exemplo, a transição do espaço doméstico para a educação infantil; a transição de um ano escolar para o outro dentro do mesmo ciclo; a mudança de ciclos e blocos; a mudança entre etapas; entre turmas; entre escolas...).

Compreender os impactos da transição nos processos de escolarização é de extrema importância, pois se trata de um tema amplo e complexo, visto que há vários fatores que podem dificultar de forma significativa a permanência e o êxito dos estudantes em um novo ciclo educacional (Reis, 2020, p.32).

Dessa forma o sucesso das aprendizagens não depende apenas da forma de organização escolar, mas sim em uma proposta pedagógica que promova qualidade de aprendizagem para os alunos através de ações contínuas (Ferreira, Chagas, Souza; 2021).

Em uma perspectiva ecológica do desenvolvimento, concebe-se a adaptação ao contexto escolar como um conceito relacional; se, por um lado, a criança traz para a escola um repertório prévio para lidar com os desafios da transição, esse repertório se reconstrói dia a dia no novo contexto (Trivellato, Ferreira e Marturano, 2008, n.p.).

A criança já traz consigo um repertório que a ajuda a enfrentar os primeiros desafios da transição escolar, como se adaptar a novas rotinas, novas exigências acadêmicas e novas

relações sociais, porém esse repertório não é fixo, dessa forma suas experiências e interações diárias com o novo contexto irão modificar e expandir o repertório da criança.

Assim é preciso pensar a transição escolar de maneira que permita que o estudante obtenha o sucesso escolar de forma efetiva e a partir da premissa de que o sucesso no processo de aprendizagem durante a transição escolar se dá ao comprometimento, dedicação e ao conjunto de ferramentas que devem ser refletidas e elaboradas pelos responsáveis por essa etapa (Angelo 2021). Assim, é crucial elaborar um plano de transição que assegure o alcance do potencial máximo de cada estudante ao final de cada ciclo. Nesse contexto, a avaliação se torna uma ferramenta indispensável para organizar o trabalho pedagógico e garantir esse direito.

3.3 Avaliação na perspectiva dos ciclos

A implementação de ciclos na estrutura educacional intensifica a necessidade de um olhar cuidadoso para avaliação no ensino, com o foco voltado para o aprendizado. Os tempos e espaços de aprendizagem são adaptados de acordo com as necessidades, respeitando o ritmo de cada aluno. Nesse contexto, a avaliação formativa surge como um elemento fundamental para consolidar a organização escolar baseada em ciclos.

Ao comprometer-se com as aprendizagens de todos os estudantes, a avaliação formativa abre espaço para a adoção da progressão continuada de modo que o percurso escolar se realize sem atropelos e sem adiamentos, em atendimento ao tempo, ao ritmo e as necessidades de cada um (Villas Boas, 2019, p.80).

Mas é preciso ter cuidado com a compreensão do que é progressão continuada, para que não seja confundida com promoção automática “eliminar a reprovação não significa promover automaticamente, mas envidar esforços para que todos os estudantes aprendam. A escola não foi feita para reprovar, mas para promover as aprendizagens” (Villas Boas, 2019, p.77) isso significa que a progressão do aluno deve acontecer desde a entrada na escola até o fim do curso.

Porém, mudar a avaliação que sempre se preocupou com a promoção do aluno de um ano para outro e com notas obtidas não é fácil, pois agora “o processo de avaliação formativa está em curso enquanto as aprendizagens ocorrem” (Villas Boas, 2019, p. 15). Ou seja, a avaliação se dá de forma contínua sem momento predeterminado, e não se restringe a aplicação de procedimentos e instrumentos fixos. Pois “quaisquer que sejam os instrumentos [...] necessitam manifestar qualidade satisfatória como instrumento para ser utilizados na avaliação da aprendizagem” (Luckesi, 2000, n.p).

Então a avaliação deve promover “as aprendizagens usando evidências do que os estudantes aprenderam, em relação ao alcance dos objetivos propostos, para que se planeje os próximos passos e a maneira de atingi-los” (Villas Boas, 2019, p. 19). Deste modo se faz necessário refletir como as avaliações influenciam e vêm sendo utilizadas na OTP, em meio às transições que acontecem durante a educação básica.

4. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, os dados levantados durante a pesquisa empírica são qualitativamente analisados. O objetivo é entender como os professores utilizam os resultados da avaliação para a organização do trabalho pedagógico na preparação dos estudantes em transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental.

Com isso, foram realizadas entrevistas com duas professoras regentes de turmas do 5º ano do ensino fundamental; com a coordenadora pedagógica e com a orientadora educacional de uma escola pública da regional do Plano Piloto, com o intuito de investigar os instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes na avaliação dos estudantes do 5º ano e compreender a forma como os resultados dessas avaliações direcionam a OTP para subsidiar os estudantes na transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental.

A análise de conteúdo foi a técnica utilizada para a interpretação dos dados, sendo esta uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada para compreensão do material em questão. Segundo Bardin (2016, p. 9) a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos que está em constante aperfeiçoamento e pode ser aplicado a uma variedade muito ampla de materiais com a finalidade de compreender as relações presentes entre o conteúdo e o que está por trás dele.

A análise do conteúdo dos dados gerados ao longo da pesquisa permitiu a constatação de três principais eixos de análise, elaborados com referência nos objetivos da pesquisa e dos principais dos elementos que emergiram durante a análise dos dados, a saber:

- Diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre transição.
- Instrumentos avaliativos utilizados no processo de transição.
- Usos e finalidades da avaliação para a OTP.

4.1 Diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre transição

No presente eixo, serão analisados os seguintes documentos, os quais são essenciais para a compreensão e interpretação do tema investigado:

Quadro 3 - Diretrizes e normativas da SEEDF

Documento	Ano de Publicação	O que se trata?
Diretrizes Pedagógicas para a organização escolar do 2º ciclo	2014	Traz um conjunto de orientações para a organização do trabalho pedagógico nas escolas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diretrizes de avaliação - Aprendizagem, institucional e em larga escala.	2014-2016	Traz um conjunto de orientações e princípios que guiam os processos avaliativos nas escolas, com o objetivo de garantir a qualidade da educação.
Caderno orientador: Transição Escolar – Trajetórias na Educação Básica do DF.	2023	Traz um conjunto de diretrizes e sugestões com o objetivo de orientar e apoiar os profissionais da educação, gestores e escolas na gestão e acompanhamento da transição escolar dos estudantes.
PPP da Escola	2024	Traz a visão, os valores e os objetivos educacionais da instituição escolhida para a realização da pesquisa.

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora, 2025.

A escolha dos documentos a serem analisados se justifica pela sua relevância direta para os objetivos da pesquisa, visto que fornecem dados que permitiram uma análise e uma compreensão abrangente do tema investigado.

Como dito, o conceito de transições no contexto educacional está profundamente relacionado aos momentos de passagem que o estudante vive ao longo de sua trajetória escolar, especialmente quando se pensa na organização do currículo em ciclos. Então ao analisar as diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre a transição foi possível concluir que no modelo de ensino baseado em ciclos, o aprendizado não é dividido em formação entre séries ou anos letivos, mas sim estruturado em ciclos de aprendizagem:

A proposta de ciclos no Brasil abrange dois tipos de organização: os ciclos de formação e os ciclos de aprendizagem. Os ciclos de formação baseiam-se nas fases de desenvolvimento humano (infância, pré-adolescência e adolescência) e preveem ruptura radical com a lógica da escola seriada, exigindo uma reestruturação profunda do sistema escolar. [...] Os ciclos de aprendizagem, como é o caso do DF, apresentam uma estrutura de organização de ensino em blocos plurianuais com dois ou três anos de duração e a possibilidade de retenção do estudante que, mesmo tendo vivenciado diferentes oportunidades de aprendizagem, não alcance os objetivos previstos ao final de cada um desses períodos (Distrito Federal, 2014, p. 10).

Contudo, mesmo com a proposta de uma educação estruturada em ciclos de aprendizagem percebe-se que se é esperado que ao final de cada ciclo o estudante atinja um nível de sucesso em determinados objetivos de aprendizagem antes de avançar para o próximo ciclo. O documento em questão discute a necessidade de uma reestruturação abrangente no sistema educacional. Neste contexto, a transição entre as etapas (anos iniciais - anos finais) pode ser vista como uma oportunidade crucial para assegurar que a trajetória escolar dos

estudantes, que transitam entre essas etapas, seja conduzida da forma mais favorável possível para a continuidade do seu aprendizado.

Ferreira, Chagas, Souza (2021) apontam que o sucesso das aprendizagens não depende apenas da forma de organização escolar, mas sim de uma proposta pedagógica que promova qualidade de aprendizagem para os discentes por ações contínuas. Dessa forma as diretrizes da SEEDF também apresentam:

Para reverter o cenário do fracasso escolar, presente nessa etapa, é imprescindível assegurar a progressão continuada das aprendizagens dos estudantes, uma vez que lhe é inerente a avaliação formativa e garante a todos os estudantes o direito legal e inalienável de aprender e prosseguir seus estudos sem interrupções (Distrito Federal, 2014, p. 15).

Contudo, acredita-se que a avaliação formativa serve para que os processos sejam conduzidos de maneira atenta e cuidadosa, a fim de que não se priorize o produto (quantidade) em detrimento da qualidade a ser considerada em todo o decurso (Distrito Federal, 2014-2016, p 13).

Nota-se que a avaliação formativa é aliada da progressão das aprendizagens. Ela se torna um instrumento necessário como forma de organizar o trabalho pedagógico e assim garantir esse direito aos estudantes durante esse processo de transição entre ciclos. Rampazzo (2011) apresenta essa possibilidade avaliativa com a função de acompanhar e orientar o processo de aprendizagem e realizar ajustes pedagógicos em tempo real, durante todo o desenvolvimento pedagógico. Portanto os professores podem identificar dificuldades ou avanços nos alunos durante o processo de ensino por meio da avaliação formativa, podendo ajustar suas estratégias pedagógicas para melhor atender às necessidades dos estudantes.

Para abranger de forma mais ampla o processo de transição, a SEEDF elaborou o Caderno Orientador: Transição Escolar – Trajetórias na Educação Básica do DF, que oferece sugestões sobre como as unidades escolares podem desenvolver seus próprios projetos de transição, além de explicar as particularidades das etapas e modalidades da educação básica no DF, fornecendo orientações específicas para qualificação do processo de transição entre elas. Então para que o processo de transição ocorra de forma efetiva é preciso uma “atenção especial sobre quatro aspectos integrantes do processo educativo: acolhimento, coordenação pedagógica, promoção da adaptação e avaliação” (Distrito Federal, 2023, p.18).

Assim, durante a leitura do PPP da escola, pode-se observar que a elaboração do documento foi feita de maneira que se alinhe com o proposto pelas diretrizes e normativas da SEEDF, mostrando uma preocupação com o desenvolvimento dos alunos durante o processo de aprendizagem: “O trabalho pedagógico desenvolvido nesta unidade escolar está voltado para as necessidades de aprendizagem de todos os estudantes, respeitando seus tempos de

desenvolvimento, com a garantia de um processo contínuo de formação integral.”(Projeto Político Pedagógico, 2024).

No entanto, embora o PPP demonstre uma preocupação em proporcionar uma educação emancipadora e focada no desenvolvimento integral dos estudantes, e a escola realize algumas ações específicas sobre transição, o documento não apresenta um plano de transição claramente definido. Não são especificadas as ações nem os momentos em que serão realizadas durante o ano letivo, para garantir uma transição fluida e prazerosa para os estudantes.

4.2 Instrumentos avaliativos utilizados no processo de transição

Ao analisar as respostas das professoras, da orientadora educacional e da coordenadora pedagógica durante as entrevistas, percebe-se que a maioria das estratégias adotadas para facilitar a transição dos estudantes dos anos iniciais para os anos finais segue o que é proposto no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Essas estratégias têm como objetivo promover o desenvolvimento das aprendizagens. Essa observação é corroborada pelas respostas de uma professora e da coordenadora pedagógica ao serem questionadas sobre ações, estratégias ou intencionalidades que a escola e elas, individualmente, realizam para favorecer a transição dos estudantes dos anos iniciais para os anos finais:

Aqui a gente trabalha, já tem um tempo, nessa escola especificamente, em projetos. Então, muitos assuntos que vão ser mais aprofundados, no fundamental 2 (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

4º ano e o 5º ano a gente trabalha com 3 projetos que são carro chefe: o projeto corpo humano, o projeto origens e também tem o projeto das regionalidades. Além desses projetos que são específicos do 5º ano a gente também tem os projetos que são comuns para todos os anos” (Coordenadora Raissa, dados da entrevista, 2024).

Aqui, como é em projetos e a abordagem da escola justamente é essa, os ciclos a gente não faz prova com o nome de prova, mas eu já trabalho com eles assim, avaliação, avaliação diagnóstica. (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

Os excertos acima demonstram que, embora os projetos sejam apresentados como um instrumento importante para o processo de transição entre os ciclos, ao analisar o PPP da escola, foi possível observar que os objetivos e estratégias utilizados nos projetos citados não estão ligados à transição escolar. Não há clareza sobre como a transição é abordada ou integrada dentro da concepção, ou execução desses projetos. Sendo assim, os projetos podem ser uma oportunidade para ajudar nesse processo, mas sem uma orientação clara sobre como isso acontece, o uso dos projetos pode se tornar pouco eficaz.

Ainda sobre os instrumentos e estratégias que a escola e as professoras utilizam durante o processo de transição as professoras e a coordenadora pedagógica comentam:

A gente tem feito aqui com o 5º ano, umas provinhas bimestrais com gabarito [...] Então a gente está oferecendo para eles essa dinâmica de provinha. Apresentar trabalho, fazer pesquisa (Professora Paula, dados da entrevista, 2024).

Olha, a provinha que eles fazem, são três provas bimestrais. Tem a de matemática, de português e essa interdisciplinar que envolve as ciências, geografia e história. Então elas têm toda uma estrutura de avaliação já do fundamental 2, com alternativas, com esquemas de dedução e indução, enfim, estruturas lógicas de pensamento e associação. Já tem mais textos também (Professora Paula, dados da entrevista, 2024).

Alguns simulados, a gente também pode estar ajudando os estudantes na questão de simulados que tem gabarito, para que eles aprendam como que é feito e como que é preenchido, os tipos de questões que são cobradas (Coordenadora Raissa, dados da entrevista, 2024).

As falas acima refletem as abordagens de avaliação adotadas na escola no contexto de transição. A professora Paula menciona a aplicação de provas bimestrais, com questões de múltipla escolha, que exigem habilidades como dedução lógica, associação de ideias e interpretação de textos. Isso indica que, em relação à avaliação, as tentativas de transição dos estudantes se manifestam nos esforços para implementar somente essas práticas avaliativas que os professores acreditam ser utilizadas nos anos finais. Entretanto, é necessário pensar em uma maneira de que o foco das práticas avaliativas utilizadas não seja apenas preparar os estudantes para a próxima etapa, mas “percebê-lo(a) como protagonista do seu próprio processo educativo” (Distrito Federal, 2023, p. 24).

A gente faz avaliações sim, mas a gente tenta fazer avaliações mais interdisciplinares, atividades avaliativas também, trabalhos em grupo, e a gente também trabalha com avaliação formativa (Coordenadora Raissa, dados da entrevista, 2024).

Eu costumo muito fazer um agrupamento intraclasse, não chega a ser interclasse (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

Já usam caneta. Eles decidem, assim, pelo menos aqui na minha sala, né? Se vai escrever com a caneta ou com o lápis e tal. Sabendo, né, que se errar não vai dar (Professora Paula, dados da entrevista, 2024).

As falas sobre o agrupamento intraclasse e o uso da caneta revelam estratégias que, na perspectiva das interlocutoras, contribuem para a transição dos estudantes. O agrupamento intraclasse, ao promover o trabalho colaborativo dos estudantes, possibilita que os alunos aprendam uns com os outros, além de possibilitar que o professor intervenha de maneira mais pontual, atendendo às especificidades de cada grupo e potencializando o desenvolvimento (Distrito Federal, 2014, p.56). O uso da caneta, neste momento de transição do 5º para o 6º ano, pode ser visto como um rito e uma formalidade, simbolizando a passagem para uma nova

fase na educação. Visto que essa transição representa uma mudança significativa no processo de aprendizagem, com a introdução de novas exigências acadêmicas, diferentes professores e uma estrutura curricular mais complexa (Reis, 2020). O uso da caneta, muitas vezes associada a um símbolo de "escrita oficial" ou "responsabilidade", pode ser interpretado como um marcador dessa mudança, simbolizando que o aluno agora está assumindo novas responsabilidades acadêmicas.

[...] mais para o fim do ano a gente entra em contato com o pessoal da escola sequencial dos anos finais e nós planejamos uma reunião com a equipe de lá. A gente também planeja uma visita pedagógica na escola para que os estudantes conheçam a outra escola (Coordenadora Raissa, dados da entrevista, 2024).

A gente recentemente foi visitar a escola para a qual eles vão naturalmente. [...] mostram a escola, explicam um pouco, tiram algumas dúvidas (Professora Paula, dados da entrevista, 2024).

Aqui na escola classe acácia, todos os alunos, os meninos do quinto ano, vão à escola fundamental 2, vão ao centro de ensino, para que eles possam visualizar, para que eles possam enxergar, sentir um pouco dessa realidade. Para que já possam ir se familiarizando com a rotina que está acontecendo (Orientadora Educacional, dados da entrevista, 2024).

Segundo o caderno orientador da transição escolar, elaborado pela SEEDF, algumas ações podem ser feitas visando “possibilitar a vivência e experiências da etapa seguinte” (Distrito Federal, 2023, p. 47). Uma das estratégias de transição utilizada, e a única que consta de maneira clara no PPP da escola, é a visita dos estudantes à unidade escolar sequencial a fim de possibilitar que os estudantes participem de vivências e experiências da nova escola. Dessa forma é possível observar pelas falas das entrevistadas que é adotada uma diversidade de métodos de avaliação possibilitando que os alunos possam se preparar e se familiarizar com os tipos de avaliação e situações que encontrarão nos anos finais, com o objetivo de trazer uma segurança e confiança quando se depararem com essas novas situações no futuro.

Reis (2020) expõe que é importante entender os efeitos da transição entre diferentes etapas ou ciclos educacionais, por ser um tema complexo, já que envolve diversos fatores que podem influenciar o êxito e a permanência dos estudantes em um novo ciclo. Dessa forma, através das entrevistas, foi possível observar que apesar de não haver um projeto formal de transição na escola, há esforços das professoras e da coordenação em ajudar os alunos nesse momento tão amplo e complexo. Assim, embora existam ações e estratégias sendo implementadas para auxiliar os alunos durante o processo de transição, elas não estão necessariamente organizadas de maneira sistemática e estruturada ao longo do ano. Isso implica que as iniciativas existem, mas podem ser pontuais ou informais, sem um

planejamento claro e contínuo. A questão que permanece é: se já há uma preocupação em como os estudantes lidam com o processo de transição e há a utilização de estratégias pontuais para o favorecimento da aprendizagem dos estudantes durante esse processo, por que não há a elaboração de um projeto formal de transição, a fim de melhorar a experiência dos alunos ao longo do ano e também tornar mais claro como as ações específicas seriam implementadas?

4.3 Usos e finalidades da avaliação para a OTP

Quando questionadas sobre os usos e finalidades dos instrumentos avaliativos que utilizam para a Organização do Trabalho Pedagógico, uma das professoras informa:

E nesse agrupamento que apresento para eles para lidar com habilidades psíquicas, emocionais, porque isso impacta muito a aprendizagem deles. Então, a questão de chamar de professor, que vão mudar de sala, que vão ter vários professores, cada um com uma personalidade, cada um com uma forma de abordar o conteúdo, cada um com uma forma de avaliar esse conteúdo que ele está trazendo para o aluno, né? E cada um tem uma forma de trabalhar a habilidade
Então, maior autonomia na atribuição das coisas aqui em sala e principalmente quando leva para a tarefa para casa, para trazer coisas no dia seguinte. Lembrar que eles são os atores, os personagens principais dessa história deles (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

Segundo Reis (2020, p.52) a transição do 5º para o 6º ano coincide com a passagem da infância para a adolescência, um período de grandes mudanças “como, transformações corporais, cognitivas e psicológicas físicas, cognitivas e psicológicas”. Então além das mudanças estruturais no ambiente escolar, os alunos também enfrentam desafios relacionados ao amadurecimento, como a espera de uma maior autonomia e responsabilidade.

Sob esse ponto de vista a Reis (2020) afirma que a escola e seus profissionais devem estar cientes das barreiras e dificuldades geradas tanto pela transição da infância para a adolescência e quanto pela passagem dos anos iniciais para os anos finais “para que seja promovido um acompanhamento sistemático, auxiliando os alunos no enfrentamento das dificuldades que porventura aparecerão.” (p.53). Dessa forma é possível observar, na fala da professora Maria, uma preocupação com essas dificuldades emocionais e psicológicas que os alunos enfrentam durante a transição para novos ciclos de ensino, com a mudança de professores e estilos de ensino.

Eu faço [avaliação] individual, somente lápis, borracha, caneta, para eles se acostumarem com o ambiente de avaliação. Inclusive na última, quando conversaram durante [a prova], um que ainda estava com a prova eu retirei, não concluiu e o outro eu falei que estava descontando, para eles entenderem como é o critério.

Então, quando a gente tem avaliação diagnóstica, aqui eu trabalho muito com eles, mas essa questão de sentar como se fosse uma prova mesmo, lembrar para eles que eles serão avaliados por marcar bolinha, se fez tudo certo, mas não teve atenção e preencheu errado, isso também é uma habilidade que eles precisam treinar, isso também é avaliado, capacidade de organização de cálculo, apesar dos cálculos não irem para a questão, isso ajuda ele a entender em que pé do caminho que ele errou, a construção do pensamento, a inferência do texto (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

A gente está tentando inserir essa coisa da... Essa outra estrutura de ensino, né? Que vem logo depois [...] tentar preparar eles para sofrer menos, né? No ano que vem. (Professora Paula, dados da entrevista, 2024).

Percebe-se nas falas das entrevistadas que a visão sobre os processos avaliativos é de que, nos anos finais, os alunos enfrentarão avaliações mais formais (objetivas), com maior ênfase em provas e testes estruturados, incluindo questões de múltipla escolha, dissertações e questões que exigem raciocínio lógico e interpretação. Além disso, há a percepção de que, se os estudantes agirem de maneira específica, poderão sofrer algum tipo de punição. Além de também revelar uma visão preocupante de que, a partir dessa etapa, a educação se torna mais difícil, como se a avaliação formativa e focada no processo de aprendizagem deixasse de ser aplicada. Por isso é importante compreender que o sucesso no processo de avaliação depende principalmente da intenção do professor ao utilizar os instrumentos, ou seja, para que esses instrumentos sejam utilizados a fim de alcançar uma avaliação formativa dependerá da intenção e da maneira que o avaliador irá utilizá-los (Rampazzo, 2011).

A Diretrizes de avaliação educacional fala que para que a recuperação de estudos seja integrada com a avaliação formativa é recomendado a “realização de intervenções pedagógicas contínuas com todos os estudantes, sempre que suas necessidades de aprendizagem forem evidenciadas”(Distrito Federal, 2014-2016,p 39). Villas Boas (2019, p. 15) fala que “por processo, entende-se que a avaliação se realiza ao longo do trabalho escolar, isto é, não é episódica, não tem momento certo para acontecer e não se limita à aplicação de instrumentos/procedimentos”. E então a partir da entrevista realizada percebeu-se, que durante todo o ano há uma preocupação constante das professoras e da coordenação em identificar as necessidades dos alunos, de modo a direcionar esforços para onde mais é necessário para que eles possam alcançar o nível de aprendizado esperado. Como pode-se ver nas seguintes falas:

A gente se baseia nesses resultados para que a gente consiga identificar o que precisa ser trabalhado de novo, o que precisa ser revisado, onde os estudantes estão com mais dificuldades. Isso vai sim orientar o planejamento e o trabalho do professor em sala de aula, em todas as turmas de forma geral a gente faz isso mas principalmente nas turmas de 5 ano a gente levanta esses dados e constrói esses

gráficos para que a gente possa tá vendo onde a gente precisa melhorar e onde os alunos têm mais dificuldades (Coordenadora Raissa, dados da entrevista, 2024).

Então é fazer uma recuperação concomitante, e nivelando esses alunos, dando o que está faltando para que eles possam adquirir o conhecimento do próprio 5º ano (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

Porque na verdade não chega a ser um resultado, a aferição de em que ponto eu estou, o que eu posso melhorar, o que eu preciso olhar de novo, o que está ótimo e continuar investindo (Professora Maria, dados da entrevista, 2024).

Com essas falas nota-se que a abordagem utilizada pelas professoras e pela coordenação reflete a principal finalidade da avaliação formativa, de melhorar as aprendizagens dos estudantes através do ajuste das estratégias a partir das informações coletadas durante o processo de aprendizagem. (Fernandes, 2008, p. 358).

De acordo com Luckesi (2000), avaliar a aprendizagem dos estudantes envolve estar à disposição para acolher os estudantes em qualquer situação em que se encontram, a fim de auxiliá-los na trajetória acadêmica. Dessa forma foi possível observar que a orientadora educacional desempenha um papel fundamental durante esse processo de transição com foco no acolhimento e auxílio dos estudantes. Conforme as seguintes respostas dela:

A minha orientação fica nesse campo, de mostrar para eles essa diferença {...} é nesse sentido, de falar, de ouvi-los, de deixar que eles coloquem as angústias, os medos ou simplesmente as curiosidades em relação a essa nova fase. Então, a orientação faz isso de forma pontual (Orientadora Educacional Gabriela, dados da entrevista, 2024).

No meu caso, nos conselhos de classe, todas as informações que eu observo ao longo das semanas, dos meses e tudo que elas trazem, aí, sim, eu faço uso para que nós busquemos estratégias para melhor trabalhar com aquela criança (Orientadora Educacional Kélia, dados da entrevista, 2024).

Então, assim, esses questionamentos são feitos, até para que o professor possa repensar a sua prática e eu, enquanto orientadora, me certificar de que tudo que deve estar sendo feito por aquela criança (Orientadora Educacional Gabriela, dados da entrevista, 2024).

O SOE tem essa grande preocupação de fazer com que os meninos que saem do quinto ano cheguem mais tranquilos e familiarizados com o ciclo. Então, eles são orientados (Orientadora Educacional Gabriela, dados da entrevista, 2024).

Percebe-se que a orientadora educacional Gabriela não se limita somente a um papel administrativo ou pedagógico, mas atua como uma facilitadora emocional e social, ajudando os alunos a lidarem com as mudanças que enfrentam se depararem com o processo de transição.

Isso evidencia que as ações de transição vão além da sala de aula e não se restringem apenas ao papel do professor. A experiência dessa escola mostra que um esforço conjunto de

todos os profissionais envolvidos (incluindo professores, coordenadores e orientadores educacionais) é fundamental para o sucesso do processo de transição dos estudantes.

Dessa forma, ao analisar as respostas das professoras, foi possível identificar, que por trás dos instrumentos avaliativos e utilizadas por elas, há o objetivo de identificar e compreender as necessidades individuais de cada aluno. E a partir disso, quando necessário ajustar suas estratégias pedagógicas, com o intuito de promover o sucesso dele no processo de aprendizagem e também facilitar o processo de transição dos estudantes entre os ciclos de ensino, em busca de garantir que esse processo aconteça de forma fluida, leve e eficiente, dando um suporte constante para que os estudantes se sintam agregados e preparados para os desafios futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a maneira como os professores utilizam os resultados da avaliação para a organização do trabalho pedagógico na preparação dos estudantes em transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. Com isso, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: mapear e discutir as diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre avaliação e transição anos iniciais - anos finais; investigar os instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes na avaliação dos estudantes a fim de identificar a finalidade para uso dos mesmos; compreender a forma como os resultados das avaliações direcionam a OTP para subsidiar os estudantes na transição dos anos iniciais para os anos finais.

Na pesquisa, foram alcançados os objetivos devido à análise das diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre transição e a entrevista realizada, pois foi possível analisar os discursos sobre os instrumentos avaliativos utilizados no processo de transição, constatando que, na prática docente nos anos iniciais, esses instrumentos avaliativos são utilizados com diferentes finalidades, desde o favorecimento de uma familiarização dos estudantes com as práticas e vivências da próxima etapa, como o replanejamento contínuo da prática pedagógica, sempre que necessário, para atender às necessidades dos estudantes.

Em relação ao eixo de análise sobre as diretrizes e normativas da SEEDF que versam sobre transição, constatou-se que embora o PPP da escola esteja alinhado com os princípios desses documentos, evidenciando uma preocupação com o desenvolvimento dos alunos ao longo de todo o processo, ele não apresenta um projeto de transição estruturado, que defina

claramente as ações a serem realizadas, com o objetivo de proporcionar uma transição fluida e prazerosa.

No segundo eixo, no que diz respeito aos instrumentos avaliativos utilizados no processo de transição, foi possível perceber que a maioria das estratégias que são utilizadas nesse processo seguem o que é apresentado no PPP, além da utilização de agrupamento intraclasse e o uso de caneta, visando familiarizar os alunos com as mudanças pedagógicas e materiais que encontrarão nos anos finais, porém sem a clareza sobre como exatamente a transição é abordada ou integrada dentro dessas estratégias, tendo então somente a estratégia de visita à escola sequencial formalmente definida no PPP levando, assim, a uma abordagem fragmentada e pontual. A reflexão que surge é sobre a importância de formalizar essas práticas em um projeto de transição estruturado, que possa apoiar os alunos na experiência dos alunos na transição para os anos finais.

No terceiro eixo, é discutido sobre os usos e finalidades da avaliação para a OTP, foi possível perceber que as professoras, a coordenadora pedagógica e a orientadora educacional utilizam os instrumentos avaliativos para entender as necessidades de cada estudante durante a transição entre os anos iniciais e os anos finais e que além disso estão preocupadas com o impacto emocional e psicológico presentes nesse momento, além de utilizarem os instrumentos avaliativos para ajudar os alunos a se familiarizar com a nova organização da etapa seguinte, como mudanças de professores e estilos de avaliações. Entretanto também foi possível identificar uma visão por parte das professoras do 5º ano, de que a partir dessa nova etapa a avaliação formativa e para as aprendizagens começa a ser negligenciada e os alunos enfrentam avaliações mais formais e objetivas, com maior ênfase em provas e testes estruturados, tornando a educação mais desafiadora para eles.

Ao realizar este Trabalho Final de Curso, posso afirmar que obtive um grande desenvolvimento acadêmico por meio de sua elaboração. Ao aprofundar sobre a avaliação na organização do trabalho pedagógico, pude ter a oportunidade de analisar algumas percepções dos professores dos anos iniciais, suas formas de avaliar e intencionalidades durante o processo de transição entre os ciclos. Em suma, vejo que o tema sobre a utilização dos resultados da avaliação para a organização do trabalho pedagógico representa uma temática extremamente relevante, pois a avaliação nessa fase de transição deve garantir a continuidade no processo de aprendizado e desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

Como sugestões para pesquisas futuras, vejo como essencial um aprofundamento sobre como está sendo abordado a transição na chegada aos anos finais do ensino fundamental especialmente no que tange à utilização da avaliação na organização do trabalho pedagógico

dos professores dessa etapa, uma vez que foi possível identificar uma visão preocupante por partes dos docentes dos anos iniciais de que, a educação se torne mais desafiadora, e a avaliação formativa, voltada para o processo de aprendizagem, seja progressivamente negligenciada.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, Ocimar Munhoz. A organização do ensino fundamental em ciclos: algumas questões. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, 2009.

ANGELO, Jamisson da Silva. O processo de transição dos anos iniciais para os anos finais no ensino fundamental. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, v. 21, n. 1, p. 148-160, set. 2021.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores. *Educação & Sociedade*, ano xx, n. 68, 1999.

AVALIAÇÃO. IN: MICHAELIS DICIONÁRIO ESCOLAR LÍNGUA PORTUGUESA. SÃO PAULO : MELHORAMENTOS, 2024.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977. Tradução de: L'Analyse de Contenu.

CICLO. IN: MICHAELIS DICIONÁRIO ESCOLAR LÍNGUA PORTUGUESA. SÃO PAULO : MELHORAMENTOS, 2024.

DISTRITO FEDERAL. Diretrizes de Avaliação Educacional: Aprendizagem, Institucional e em Larga Escala. 2014-2016.

DISTRITO FEDERAL. Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo para as Aprendizagens: BIA e 2º Bloco. 2014.

DISTRITO FEDERAL. Transição Escolar: Trajetórias na Educação Básica do Distrito Federal. 2023.

FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. *Estudos em avaliação educacional*, v. 19, n. 41, p. 347-372, 2008.

FERREIRA, V. A.; CHAGAS, A. M.; SOUZA, T. M. Percurso de implantação do terceiro ciclo para aprendizagem na rede pública de ensino do Distrito Federal. **Sér.-Estudos.**, Campo Grande, v. 26, n. 57, p. 289-306, maio 2021.

FRANCISCO JÚNIOR, Edson Pattera. O papel do gestor escolar na transição dos alunos do ensino fundamental – anos iniciais para o ensino fundamental – anos finais. 2014. 61 f., il. Monografia (Especialização em Gestão Escolar)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. *Revista Pátio*, v. 12, p. 6-11, 2000.

MAINARDES, Jefferson. A organização da escolaridade em ciclo: implicações para a gestão educacional e escolar. *Revista Pedagógica*, v.17, n.35, 2015.

MAINARDES, Jefferson. Organização da escolaridade em ciclos no Brasil: revisão da literatura e perspectivas para a pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.1, p. 11-30, 2006.

MARCONI, M de A; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 8. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Classe 304 Norte. 2024.

RAMPAZZO, SR dos R.; JESUS, AR de. Instrumentos de avaliação: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem. Londrina. Produção Didático-Pedagógica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional. NRE, 2011.

REIS, Ludimila Maria da Silva. Transição no ensino fundamental: revisão da literatura acadêmica produzida nos últimos dez anos (2009 a 2019). 2020.

TRANSIÇÃO. IN: MICHAELIS DICIONÁRIO ESCOLAR LÍNGUA PORTUGUESA. SÃO PAULO : MELHORAMENTOS, 2024.

TRIVELLATO-FERREIRA, Cássia Marlene da; MARTURANO, Edna Maria. Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série. *Interamerican Journal of Psychology*, vol. 42, núm. 3, 2008.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de F. Esmiuçando a avaliação formativa. Conversas sobre avaliação. Campinas, SP: Papirus, 2019.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de F.O que muda na avaliação na escola em ciclos?.
Conversas sobre avaliação. Campinas, SP: Papirus, 2019.